
EDITORIAL

A Revista GeoPantanal apresenta, neste número, 14 artigos científicos e uma entrevista. A temática fronteira é dominante e representa a metade dos trabalhos aceitos para este volume. A cultura está na abordagem principal de dois artigos. Outros temas trazidos são o desenvolvimento territorial, a geografia física, o analfabetismo, a geopolítica da água e o movimento pendular para tratamento da covid-19.

A pandemia da covid-19 provocou sentimentos diversos na humanidade. Durante 2020 e 2021 vivemos momentos de insegurança, medos, incertezas com a própria continuidade da espécie humana neste planeta. Uma sensação apocalíptica assombrou parte considerável da população mundial e ainda se manifesta em muitos imaginários individuais e coletivos.

Vivemos tempos de reflexão, de reinvenção dos fazeres e dos pensares. Aos poucos avistamos possibilidades de um recomeço, de uma reconstrução depois de uma pausa forçada nos ritmos e velocidade física dos movimentos. Por outro lado, ganhou força o teletrabalho e, com ele, o ensino à distância. Num país, como o Brasil, com grandes desigualdades sociais, infraestrutura pouco eficiente para transmis-

são de dados via internet e consequente dificuldade de acesso a esses serviços, o ensino remoto se tornou um desafio insuperável.

Como consequência, professores e alunos enfrentaram uma condição impensada para se praticar e receber conteúdos e transformá-los em conhecimento. As pesquisas de campo estiveram suspensas como estratégia de diminuir riscos de transmissão e/ou contaminação. Perdemos entes queridos para a doença. Temos que superar e recuperar muita coisa. Nossa capacidade de resiliência está sendo testada dia a dia. É neste contexto que a Revista GeoPantanal retoma suas publicações.

A fotografia da capa é de autoria do Editor chefe desta Revista, tirada em 20 de abril de 2013, antes de atravessar o limite internacional entre a Bolívia e o Brasil. A fotografia foi concebida após a passagem pelo controle fronteiriço boliviano, sobre a ponte do arroio Conceição, cujo talvegue serve de limite entre ambos países. No alto a inscrição “BEM-VINDOS AO BRASIL”.

A escolha dela foi motivada pela predominância da temática fronteiriça neste número e pela oportunidade de se fazer uma reflexão sobre o anúncio de boas-vindas para o visitante ao adentrar em território nacional. A quem, de fato damos as boas-vindas? Será que o fronteiriço que vem do outro lado para cá é igualmente bem-vindo como são os turistas? Talvez o fronteiriço que compra ou o que desempenha uma atividade que não compita com a dos locais possa ser, de fato, bem-vindo. Mas, nem todos estão nessa condição. Por isso, a pergunta coloca os dizeres da inscrição numa situação de desconfiança.

Com a pandemia o convite de boas-vindas perdeu o sentido. A “fronteira foi fechada”, como anunciado em diversas ocasiões pela mídia. Na verdade, o fechamento foi da passagem de fronteira. Mais precisamente da via controlada pela segurança nacional, não da fronteira e nem das possibilidades de travessia do limite internacional. O “fechamento da fronteira” teve o mesmo desempenho que a construção dos muros de separação dos territórios nacionais: separam, mas não impedem o contato, a circulação de pessoas e de mercadorias.

Esse triste momento demonstrou a incompreensão que ainda paira sobre a gestão de territórios fronteiriços. Fechar a fronteira tem que ser equivalente de cooperação entre os gestores das localidades de fronteira para o enfrentamento conjunto e colaborativo das difi-

culdades que ameaçam suas populações, suas economias. É preciso reconhecer as práticas sociais e otimizar os esforços e possibilidades inerentes a cada território. A vida humana vale mais do que egoísmos nacionalistas.

Fechar a fronteira deve ser traduzido como a união para proteger os fronteiriços dos riscos que vem de fora. O termo fronteiriço faz referência aos moradores de quaisquer dos territórios que compõem a díade dos países limítrofes. Portanto, só é possível fechar a fronteira levando em conta os limites territoriais usados pelas populações das localidades de cada lado que a compõe. Isso é compartilhar decisões e aprimorar os mecanismos de gestão territorial. Mais ainda, é reconhecer que não somos ou estamos sozinhos na fronteira. Somos fronteiriços!

Desejamos uma boa leitura e reflexões na direção de ambientes mais sustentáveis e resilientes.

Edgar Aparecido da Costa